

Monteiro Lobato em construção¹

Cilza Bignotto²

A obra para crianças de Monteiro Lobato é considerada um marco na história da literatura infantil brasileira. O valor literário de seus livros para adultos ainda provoca polêmicas, mas a qualidade de suas histórias para crianças é indiscutível – ainda que se discutam as idéias veiculadas nelas. Reproduzir as opiniões da crítica a respeito da obra infantil lobateana seria tarefa longa e talvez desnecessária, em se tratando de livros há tanto tempo considerados canônicos. Assim, citemos apenas parte do texto dedicado a Lobato em catálogo produzido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) para a Feira Mundial do Livro em Frankfurt (1994), que teve como tema o Brasil. O trecho reproduzido abaixo sintetiza a posição ocupada pelo escritor na esfera dos livros infantis:

Monteiro Lobato continua sendo o maior escritor para crianças do Brasil. A quase totalidade dos escritores contemporâneos não tem dúvida em afirmar que Lobato foi a grande leitura de suas infâncias e a maior influência em seus trabalhos. A obra lobatiana continua a ser estudada, e a conclusão dos teóricos é que o distanciamento crítico só leva à constatação de sua permanência.³

Os textos que conquistaram esse aval da crítica, porém, sofreram grandes modificações até se cristalizarem nas *Obras Completas* que o próprio Lobato organizou, em 1946. Além disso, nem todos os textos que Lobato escreveu para crianças foram incluídos nessas *Obras Completas*. Alguns, publicados em revistas, saíram de circulação rapidamente

¹ Parte das informações e hipóteses apresentadas nesse artigo foram desenvolvidas em minha dissertação de mestrado, *Personagens infantis da obra para adultos e da obra para crianças de Monteiro Lobato: convergências e divergências*. A tese foi financiada pela Fapesp e teve como orientadora a profa. Marisa Lajolo. Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1999. Disponível em: <www.unicamp.br/iel/memoria> Acesso em: 17 jun. 2007.

² Doutora em Teoria e História Literária pelo IEL, onde desenvolveu a tese *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*, sob orientação da profa. Marisa Lajolo. A tese foi defendida em janeiro de 2007.

³ *Apud Das Kinderbuch in Brasilien = Children's Books in Brazil = O livro para crianças no Brasil*. Brasileira de Frankfurt/ MACHADO, Luiz Raoul, MIRANDA Claudia de, SERRA, Elizabeth d'Angelo (org.). São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1994, p. 45.

e, com o término dos periódicos, caíram no esquecimento. Outros, como os que hoje integram o volume *Reinações de Narizinho*, foram reescritos inúmeras vezes ao longo dos anos de 1920 e 1930. Nesse processo, trechos significativos foram excluídos, substituídos, modificados. A história da produção lobateana para crianças, ainda pouco estudada, é repleta de mistérios, surpresas e uma novidade que pode ser chocante (pelo menos a princípio): Lobato nem sempre foi o mestre da literatura infantil que reverenciamos hoje.

Os mistérios aparecem logo no início, quando procuramos descobrir *quando* Lobato começou a escrever para crianças. Edgard Cavalheiro, em sua biografia de Monteiro Lobato⁴, conta que a idéia da primeira história infantil escrita pelo autor teria surgido em 1920, quando ele era também editor:

Certa tarde, na Editora, joga xadrez com Toledo Malta, quando no intervalo entre dois lances, este lhe conta a história de um peixinho que por haver passado um tempo fora d'água “desaprendera a nadar”, e de volta ao rio afogara-se. “Perdi a partida de xadrez naquele dia, talvez menos pela perícia do jogo do Malta do que por causa do peixinho. O tal peixinho pusera-se a nadar em minha imaginação, e quando Malta saiu, fui para a mesa e escrevi a “História do Peixinho que Morreu Afogado” – coisa curta. Do tamanho do peixinho. Publiquei isso logo depois, não sei onde. Depois veio-me a idéia de dar maior desenvolvimento à história, e ao fazê-lo acudiram-me cenas da roça, onde eu havia passado a minha meninice.”

Esse relato costuma ser repetido por outros biógrafos de Lobato. O problema é que não se conhece a publicação em que a “História do peixinho que morreu afogado” teria sido registrada. A pesquisadora Hilda Villela Merz, que conheceu o escritor e atuou durante anos à frente da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, informa ainda não ter sido encontrada cópia da história⁵. No Centro de Documentação Alexandre Eulálio (Cedae), da Unicamp, onde está depositada outra parte do acervo de Lobato, também não há pista da história do peixinho. Como o próprio Lobato não se lembrava do nome do periódico onde publicou o texto, a pesquisa fica mais difícil. E mais excitante: se o leitor tiver notícia dessa história, por favor, compartilhe conosco.

⁴ CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato: Vida e Obra*. 2ª edição. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1956.

⁵ Segundo informação do livro de AZEVEDO, Carmem Lúcia de *et al.* *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 1997, p.157.

A tentativa de encontrar a história que teria iniciado a produção lobateana para crianças traz várias surpresas. Em primeiro lugar, a anedota do peixinho, se foi mesmo publicada, não deveria deter a primazia de pioneira. Esse título deveria ser dado, até prova em contrário, ao conto *D'Après Nature*, publicado na seção *Jornal da Infância* da revista paulistana *Educação*⁶, em 1903 – **dezessete anos antes**, portanto, da “primeira história para crianças de Lobato”, que seria de 1920, segundo o depoimento do escritor a Edgard Cavalheiro.

Um conto de Lobato para crianças, publicado quando “o pai da literatura infantil brasileira” ainda era estudante de Direito em São Paulo, enche de expectativas o pesquisador. Haverá nele uma menina morena? Quem sabe uma boneca de pano?

Nada disso.

A protagonista do conto *D'après Nature* é uma menina loira e rica chamada Lilli, que pouco tem de semelhante com Lúcia, a menina do narizinho arrebitado. Durante um passeio com sua criada, Lilli ouve um “lamento afastado, lugubrememente dolorido”. Seu coração – “germe dum coração de mulher” – bate apressado e a menina decide descobrir a causa do choro, que vem de “uma choupana distante”. Para tanto, desobedece a criada. A desobediência à ordem adulta é um ponto em comum com Narizinho e Pedrinho, que costumam demonstrar pouca obediência a Dona Benta e tia Nastácia nas histórias da saga do Picapau Amarelo.

Mas Lilli chega à casa de onde parte o lamento:

A casa era um rancho de sapé e barrotes no meio d'um terreno nú. Lilli entrou: da porta viu estendido num estrado, em horríveis convulsões, um rapazinho pallido e esfrangalhado, junto à sua mãe, uma velhota enrugada e macilenta.

Ao ver surgir em sua casa de repente, como aparição fantástica, uma criaturinha tão linda, tão bem vestida, tão distinta de maneiras, a olhá-los com uma expressão infantil de espanto e bondade curiosa, a pobre mulher, só acostumada a ver portas a dentro a cabra e as gallinhas, arregalou os olhos lacrimosos, cheios de surpresa e de esperança.

A descrição da casa do menino lembra representações que Lobato fará mais tarde das casas de caboclos, em seus contos para adultos. O estilo, porém, cheio de lugares-

⁶ LOBATO, Monteiro. *D'Après Nature*. In: Revista *Educação*. São Paulo, n.º 3, 1903.p.2-4. A grafia original foi mantida. O texto completo está no anexo 1, no apêndice ao final deste artigo.

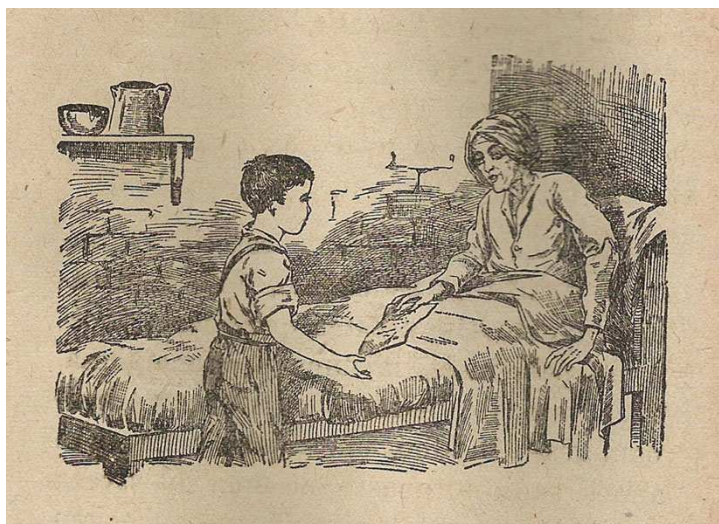
comuns, está longe da originalidade presente nos livros *Urupês* (1918), *Cidades mortas* (1919) e *Negrinha* (1920), com os quais se consagrou como escritor. A dramaticidade do conto atinge seu clímax quando a mulher explica a Lilli a situação dos dois:

Lilli em breve se poz ao corrente do sucedido. O menino, filho único d'aquella pobre mulher, havia já dias gemia naquele estrado, sem remedios, sem recursos.
– É meu único arrimo – soluçava a misera – elle trabalha para me sustentar; já perdi tudo, pae, mãe, marido; só me resta no mundo esta criança e esta mesma quer me deixar – e os soluços rebentavam impetuosos d'aquelle peito rude em que vicejava cheio de vigor e majestade o sublime amor de mãe.

Esse trecho traz uma informação importante: o menino pobre é arrimo de família. Ao contrário de Lilli e dos netos de Dona Benta, trabalha para sustentar a mãe. Sua doença, porém, não é tão grave como sugerem as “horríveis convulsões” de que é vítima: basta tomar um pouco de óleo de rícino, que Lilli vai buscar em casa, e o rapazinho está curado. No dia seguinte, “a mãe radiante, banhada em lágrimas, recebeu a joven salvadora do seu filho com um abraço e um beijo desses que resumem mundos de gratidão e de ternura”. Fica a impressão de que a trama foi engendrada somente para a personagem Lilli poder exercer sua bondade.

O tema e o estilo da história estão distantes do universo familiar aos leitores das histórias transcorridas no Sítio do Picapau Amarelo. *D'après Nature* lembra os contos para crianças de Olavo Bilac, Júlia Lopes de Almeida, Coelho Neto ou Prisciliana Duarte de Almeida, esses dois últimos colaboradores da revista *Educação*. São vários os contos desses autores que retratam uma criança ou uma mãe moribunda, em um cenário miserável. A presença de uma criança rica e bondosa, que ajuda os pobres, também é frequente. *O 'Rato'*⁷, conto de Coelho Neto, é uma dentre as diversas narrativas, escritas na virada do século XX, que tematizam essa situação. Trata-se da história de um “rapazola de nove anos”, apelidado Rato, filho único de uma mulher pobre e “prostrada pela moléstia”, que é obrigado pela mãe a mendigar.

⁷ NETO, Coelho. *O "Rato"*. In: BILAC, Olavo e NETO, Coelho. *Contos Pátrios*. 44ª edição. São Paulo; Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1958. p. 43-47. A primeira edição é de 1904. O conto completo está no anexo 3, no apêndice ao final deste artigo.



“- Vae e fica á porta das igrejas: e aos que passarem mostra esse papel e pede uma esmola para tua mãe.” Ilustração de Vasco Lima⁸.

Certa noite, ele conta para a mãe a humilhação que sofreu quando pedia esmolas na escadaria de uma igreja:

(...) o que me fez chorar foi o que me disse um velho que levava um pequeno pela mão, um pequeno do meu tamanho. Quando eu lhe pedi esmola, ele olhou-me carrancudo, meteu os dedos no bolso do colete e ficou algum tempo a olhar-me; depois vagarosamente guardou a moeda e, puxando o menino, disse baixinho: - Verás, vai daqui direto para a taverna... - O pequeno, mamãe, olhou-me de tal modo, que eu senti o sangue subir-me ao rosto e as lágrimas saltarem-me dos olhos. Vendome chorar, o pequeno teve pena de mim e falou ao pai. Pararam, e eu enxugava os olhos, quando ouvi a voz do menino: - Toma! Olhei, e vi que ele me estendia a moeda.

Depois de receber a moeda, o menino, humilhado, a entrega para um velho cego e decide procurar trabalho. Encontra um colega que vende jornais, pede-lhe alguns e sai vendendo, “com tanta facilidade” que não sobra nenhum. No dia seguinte vende mais jornais e, à noite, vai até um Liceu para se matricular. No final do conto, diz à mãe: “Quando eu for mais forte, irei para uma fábrica, e tu não terá mais necessidades, nem ninguém me falará mais com o desprezo com que me falou o velho, que me julgou tão mal...” Assim como o personagem de *D’après nature*, o protagonista de *O ‘Rato’* trabalhará para sustentar a mãe.

⁸ NETO, Coelho. *O “Rato”*. In: BILAC, Olavo e NETO, Coelho. *Contos Pátrios*, op. cit., p.74.

O conto de Monteiro Lobato foi publicado, aparentemente, um ano antes do conto de Coelho Neto, na época autor prestigiado. A produção brasileira de livros para crianças do final do século XIX e do começo do século XX é caracterizada por histórias didáticas e moralizantes⁹. O conto do então desconhecido Lobato não destoa do conjunto de obras do período, inclusive por retratar uma criança como se fosse um adulto em miniatura. Lilli e o menino doente enfrentam problemas muito diferentes daqueles que Pedrinho e Narizinho encontrarão em suas aventuras. A protagonista Lilli, cujo coração é “germe” do de uma mulher, cuida maternalmente de uma criança. Já o menino sustenta a casa, como se fosse pai de família. Nenhum dos dois conta com o auxílio de seres mágicos como Emília ou o Saci. Não há a presença do maravilhoso em *D’après nature*, que já no título indica um tom realista, embora a narrativa seja eivada de excessos lacrimogênicos.

Lobato, porém, não alcança bom resultado ao usar esse tom realista para focalizar problemas sociais, numa história para crianças, de maneira similar à usada por escritores que, à época, produziam para o público infantil. Anos depois, ele combateria a produção desses mesmos escritores com a inovadora série iniciada com *A menina do narizinho arrebitado* (1920). *D’après nature*, carregado de adjetivos, clichês e uma dramaticidade além do razoável, sustenta-se mal em seu intuito moralizante. Ao tentar seguir a linha de seus antecessores no projeto de criar uma literatura infantil brasileira, Monteiro Lobato não obteve êxito.

Talvez, por essa razão, o conto – e por que não chamá-lo de “experiência”? – tenha ficado de fora de suas *Obras Completas*.

Não foi o único. Também foram excluídos vários textos escritos na década de 1910¹⁰, quando Lobato já colaborava em periódicos importantes, ente eles as revistas paulistanas *A Vida Moderna* e *A Cigarra*¹¹. Dentre os contos lobateanos publicados nessas

⁹ A respeito da produção literária para crianças no Brasil desse período, ver LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias*. São Paulo: Ática, 1984. Das mesmas autoras, conferir *Um Brasil para crianças: Para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*. São Paulo: Global, 1993.

¹⁰ Ainda não há estudos sistemáticos que levantem e analisem os textos publicados por Lobato em periódicos que não foram incluídos em suas obras completas. Em uma pesquisa rápida em exemplares da revista *A Vida Moderna*, realizada em 1997, encontrei, além dos textos abordados nesse artigo, “Idyllo Tragico”, publicado no n. 292, de 20/07/1916, “Chronica Chinezsa”, publicado no n.301, de 7/12/1916, e “Um cão”, publicado no n. 302, de 28/12/1916.

¹¹ Cf. AZEVEDO, Carmem Lúcia et al.. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. op. cit., p. 119.

revistas que foram preservados, alguns têm protagonistas infantis. Embora tenham sido produzidos para um público adulto, esses contos delineiam situações que posteriormente seriam melhor desenvolvidas por Lobato em livros infantis. É o caso, por exemplo, de *As seis decepções*¹², publicado n' *A Vida Moderna* em 1915, de onde se transcreve o excerto abaixo:

Puzeram-se a rumo da cidade os tres irmãozinhos. Moravam longe, na chacara; mas uma meia hora de estrada barrenta, empoçada d'agua grossa, cor de café com leite, que ladeavam pela beirinha na ponta dos pés, e um tijuco meio molle, meio duro, empelotado pela pata dos bois, eram fracos empecilhos á delícia semanal de “ir á cidade”. A cidade vivia-lhes no espírito como alvo de todos os desejos e fim supremo de suas vidinhas trefegas. Lá moravam os parentes, a tia Salomé, as Françaes, os amigalhotos; era lá a igreja, a quitanda, o circo de cavallinhos, “a gente”...

A leveza presente na descrição do caminho para a cidade e das delícias que lá se encontram permeia toda a história, que trata das divertidas brigas entre os irmãos para decidir que passeio fazer: ir ao circo, visitar um presépio ou dançar em um bailinho? O conto, assinado por Lobato com o pseudônimo de Hélio Bruma, apresenta elementos que serão encontrados com frequência em sua produção literária: o circo de cavallinhos como sinônimo de encanto infantil, o cenário rural, a narração pontilhada de registros que lembram a oralidade dos “casos” contados na roça.

Nesse conto aparece pela primeira vez a expressão “círculo de escavalinhos”, que se tornaria famosa em outra boca, a da boneca Emília, no livro *O circo de escavalinhos* (1929), posteriormente transformado em um capítulo de *As reinações de Narizinho* (1931). Parece, então, que Lobato foi aprimorando seu estilo e aproveitando boas idéias em novas histórias, melhor engendradas.

Por falar no Sítio, já estamos próximos da época em que ele toma forma impressa.

Os anos da década de 1910 foram importantes para o desenvolvimento do escritor Lobato, que publicou em periódicos muitos de seus contos mais célebres. Alguns

¹² BRUMA, Helio. As seis decepções. In: *Revista Vida Moderna*. São Paulo, nº 274, 1915. A grafia original foi mantida. Este conto foi publicado na primeira edição de *Cidades Mortas* (1919), mas retirado a partir da 2ª edição. Cf. MARTINS, Milena Ribeiro. *Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos*. Tese (Doutorado em História e Teoria Literária). Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2003. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/>> Acesso em: 14 jun. 2006. O conto completo encontra-se no anexo 2, no apêndice ao final deste artigo.

deles foram reunidos em *Urupês*, seu livro de estréia. O sucesso da obra entre público e crítica abriu caminho para que Lobato editasse outros livros, seus e de conhecidos. Ainda em 1918, ele comprou a *Revista do Brasil*, publicada por grupo ligado ao *Estadão*, e nela iniciou sua carreira de editor.



Capa de fac-símile da primeira edição de *A menina do narizinho arrebitado*.¹³
Ilustração de Voltolino.

Os primeiros livros de Lobato para crianças saíram por sua editora¹⁴. Ao longo dos anos 20 e até o começo dos anos 30, ele publicou várias histórias curtas: *O Saci* (1920), *Fábulas de Narizinho* (1921), *O Marquês de Rabcó*, *Fábulas* (1922), *A caçada da onça* (1924), *O noivado de Narizinho*, *Aventuras do Príncipe*, *O Gato Felix*, *Cara de Coruja*

¹³ No Fundo Monteiro Lobato, do Cedae, o número de chamada deste fac-símile é 160.

¹⁴ Monteiro Lobato começou a editar livros em 1918, pela Seção de Obras d'O Estado de S. Paulo e pela *Revista do Brasil*, a qual comprou em junho do mesmo ano e vinha desde então dirigindo. Em 1919 formou, com Olegário Ribeiro, a sociedade mercantil de responsabilidade limitada *Olegário Ribeiro, Lobato e Cia*, que foi dissolvida no mesmo ano. Em 1920 montou, com Octalles Marcondes Ferreira, a *Monteiro Lobato & Cia*. No ano seguinte a editora transformou-se em sociedade comandita simples e agregou novos sócios. Com o crescimento do negócio, em 1924 surgiu a *Cia. Gráfica Editora Monteiro Lobato*, uma sociedade anônima sucessora da *Monteiro Lobato & Cia*. A empresa faliu em 1925, mas deu origem à Cia. editora Nacional. Ver, a respeito, minha tese de doutorado, *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*, *op. cit.*

(1928), *O irmão de Pinocchio*, *O circo de Escavalinho* (1929), *Pena de Papagaio* (1931), *O pó de pirlimpimpim* (1931).

Em 1931, a maior parte dessas histórias¹⁵ foi reunida no volume *As reinações de Narizinho*, que a partir de 1934 passou a ser *Reinações de Narizinho*¹⁶. Esse título inicia, atualmente, a coleção das obras infantis lobateanas. Não é improvável que Lobato tenha reescrito trechos do livro até 1946, quando organizou suas *Obras Completas*. Aparentemente não mexeu mais na obra até sua morte, em 1948. Naqueles anos finais, ele concentrou-se em publicar novas aventuras da turma do Sítio na Argentina¹⁷.

O exame das primeiras obras publicadas por Lobato pode ser revelador do modo como ele lapidou seu estilo conforme publicava novas edições. Felizmente, é tarefa que já começa a ser feita por diversos pesquisadores¹⁸.

Nesse artigo, aponto algumas modificações expressivas realizadas por Lobato nas diferentes versões da história que se tornou o capítulo inicial de *Reinações de Narizinho*. Um bom começo é a comparação entre o primeiro parágrafo de *A menina do narizinho arrebitado* e o primeiro parágrafo de *Reinações de Narizinho*, que revela algumas alterações substanciais:

¹⁵ *A caçada da onça* seria incorporada, com modificações, a *Caçadas de Pedrinho* (1933). *Fábulas de Narizinho* sofreu modificações e acresceu-se tornou-se apenas *Fábulas*.

¹⁶ Ao que indicam edições do Fundo Monteiro Lobato, do Cedae, e da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, em 1933 o livro foi desmembrado em dois volumes: *As reinações de Narizinho* e *Novas reinações de Narizinho*. Tornou-se novamente volume único em 1934.

¹⁷ Em 1959, foram reunidos no volume póstumo *Histórias diversas* vários contos infantis (mas não todos) escritos por Lobato entre 1947 e 1948 e publicados ao mesmo tempo no Brasil, pela editora Brasiliense, e na Argentina, pela Editorial Codex. A edição de obras lobateanas na Argentina vem sendo estudada por Thaís Albieri, em sua tese de doutorado *Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina*, em andamento no IEL, sob orientação da profa. Marisa Lajolo.

¹⁸ Cito, a título de exemplo, a dissertação de mestrado de Jaqueline Negrini Rocha, *De caçada as caçadas: o processo de re-escritura lobatiano de Caçadas de Pedrinho a partir de A Caçada da Onça*. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária). Orientadora: profa. Marisa Lajolo. Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp, 2006.

A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO ¹⁹ (1920)	REINAÇÕES DE NARIZINHO ²⁰ (1946)
<p>Naquela casinha branca, - lá muito longe, móra uma triste velha, de mais de setenta annos. Coitada! Bem no fim da vida que está, e tremula, e catacega, sem um só dente na bocca – jururú... Todo o mundo tem dó d’ella: - Que tristeza viver sozinha no meio do matto...</p>	<p>Numa casinha branca, lá no sítio do Picapau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando:</p> <p>— Que tristeza viver assim tão sozinha nesse deserto...</p>

Logo na primeira linha, notamos mudança no modo de identificar o espaço da ação: na primeira versão, a casinha branca fica “muito longe”; na última, fica no “sítio do Picapau Amarelo”. Ora, em 1946 o Sítio já era bem conhecido do público infantil e tornara-se símbolo da saga lobateana, o que pode explicar a menção feita logo de início.

Dona Benta continuou sendo a primeira personagem a aparecer na história. Mas, durante os vinte e seis anos que separam o lançamento de *A menina do narizinho arrebitado* da versão final de *Reinações de Narizinho*, Lobato foi escrevendo aventuras cada vez mais mirabolantes para os netos de dona Benta. Talvez tenha sido necessário rejuvenescê-la, então, para que ela pudesse acompanhar as personagens infantis em suas viagens. Na versão consolidada em 1946, sua idade continua não explicitada, porém é diminuída: ela passa a ter “mais de 60 anos”, em lugar de “mais de 70”.

Os adjetivos foram enxugados; a velhinha “triste” e “coitada”, “quase no fim da vida” da primeira edição desaparece. A descrição de características físicas – “trêmula”, “catacega”, “sem um dente na boca” – dá lugar à apresentação nominal da personagem, àquela altura também já conhecida do público leitor: “chama-se dona Benta”. Está com uma cestinha de costura, o que indica a prática de um trabalho que exige firmeza das mãos;

¹⁹ LOBATO, Monteiro. *A menina do narizinho arrebitado*. Fac-símile da 1ª edição. São Paulo: Metal Leve/Forma Composições Gráficas Ltda, 1982. Todos os trechos mencionados são desta edição, que pode ser consultada na Biblioteca Lobateana do Centro de Documentação Alexandre Eulálio (Cedae) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), na Unicamp. A grafia original foi mantida.

²⁰ LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1977. Todos os trechos mencionados são desta edição. Na Biblioteca Lobateana podem ser consultadas várias edições da obra, incluindo a de 1946.

e o enfraquecimento da visão, antes apresentado negativamente – ela é “catacega” – agora é marcado pela correção dos “óculos de ouro”. Na versão final, a descrição refere-se mais à ação do que à aparência.

Continuando a comparação, vejamos os parágrafos seguintes:

A menina do narizinho arrebicado (1920)	Reinações de Narizinho (1946)
<p>Pois estão enganados. A velha vive feliz e bem contente da vida, graças a uma netinha órfã de pae e mae, que lá mora des'que nasceu. Menina morena, de olhos pretos como duas jaboticabas – e reinadeira até alli!... Chama-se Lucia, mas ninguém a trata assim. Tem apellido. Yayá? Nenê? Maricota? Nada disso. Seu apellido é “Narizinho Rebitado”, - não é preciso dizer porque.</p>	<p>Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia das mais encantadora das netas – Lúcia, a menina do narizinho arrebicado, ou Narizinho, como todos dizem. Narizinho tem sete anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos.</p>

Nas duas versões a razão da alegria de dona Benta é a netinha. Entretanto, há algumas diferenças significativas relacionadas à maneira como a menina é apresentada ao leitor. A orfandade de Narizinho, mencionada na primeira versão, fica apenas implícita na última. Sua idade – explícita na versão final – antecipa a descrição de suas qualidades. A menina “reinadeira” da primeira edição dá lugar à menina que “já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos”. Outro aspecto a ser notado é o modo como o autor introduz o apelido da personagem. Na versão de 1920, o narrador, como que entabulando diálogo com o leitor, sugere três nomes antes de dar a conhecer o apelido “Narizinho Rebitado”: Yayá, Nenê e Maricota.

Nenê provavelmente foi o primeiro nome escolhido por Lobato para a protagonista da história. É o que leva a crer um caderno de notas do escritor, onde ele rascunhou “os germes de várias coisas” publicadas mais tarde. Esse caderno foi dado de presente, em 1946, à Marina Procópio de Carvalho, amiga de Lobato. O caderno chegou a Marina acompanhado do seguinte bilhete:

Marina:

Hoje, 11 de maio de 1946, passei a manhã destruindo papéis velhos. Encontrei um antigo caderno de notas que só eu entendo - e tive a idéia, em vez de destruí-lo, de dá-lo à boa amiga, como curiosidade. E bati esta cópia das notas, com algumas observações esclarecedoras. Nessas notas aparecem os germes de várias coisas que escrevi - inclusive o "começo" de Narizinho - o olho-d'água da minha literatura infantil. É um caderno-documento. (Monteiro Lobato)²¹

Ainda bem que Lobato não destruiu o caderno, como dissera pretender. O documento é fonte utilíssima para o estudo da “construção” da obra lobateana. Vale a pena reproduzir trecho da história manuscrita no caderno, que Lobato chamou de “começo de Narizinho”. Na narrativa, as personagens Nenê e Joãozinho vão pescar num ribeirão “de águas muito claras”. Terminada a pescaria, os dois voltam para casa:

Lá repartiram o peixe; e enquanto Joãozinho fazia ele mesmo uma fritada, Nenê pôs os seus numa bacia d'água e ficou muito atenta a observar os pobrezinhos. Como estivesse muito calor, Nenê cochilou. E estava dorme-não-dorme, quando vê sair da bacia o camarão grande, com coroa de rei na cabeça, um manto de cauda e um cetro de ouro na mão. Atrás dele, segurando a cauda do manto, vinham dois "cascudos". Mais atrás, todos os guarus, montados a cavalo em baratões-d'água. Formavam um cortejo.

Nenê não teve medo nenhum. Olhou para si e viu que ela também estava virada numa linda camaroa, e que todas as pessoas de sua casa também eram camarões. O rei Camarão aproximou-se com muita cerimônia e, chegando perto dela, tirou a coroa e disse:

— Ilustríssima, Excelentíssima Senhora Princesa do Ribeirão! Eu sou o rei da Camarônia, me chamo Dom Cascudo I, e venho pedir a princesa em casamento.

Nenê tornou-se Narizinho, e o rei da Camarônia transformou-se no Príncipe Escamado, que aparece em *A menina do narizinho arrebitado* e permanece em *Reinações de Narizinho*. O apelido da menina parece combinar melhor com as modernas aventuras vividas por ela. Uma heroína chamada Yayá, nome tão ao gosto do XIX, lembra mais uma comportada sinhazinha, que não se meteria em peripécias por mundos fantásticos. Outro aspecto já presente no caderno de notas, e mantido na publicação de 1920, é o cochilo da

²¹ *Apud* AZEVEDO, Carmem Lucia de. O nascimento de Narizinho e do Sítio do Pica-pau-amarelo. In: *Revista Nossa História*, ano I, n. 4, fevereiro de 2004, p. 50-53. Disponível em: <www.nossahistoria.net> Acesso em: 13 jun. 2006. O manuscrito permaneceu inédito até 2004, quando a pesquisadora Carmem L. Azevedo publicou seu conteúdo na revista. Ele faz parte do acervo do jurista Raul de Andrade e Silva, tio de Marina Procópio de Carvalho. O acervo é preservado pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo.

personagem antes do encontro com o ser encantado. Nenê chega a se casar com Dom Cascudo, mas acorda e percebe que havia sonhado. Narizinho, na primeira edição da obra, também acorda ao final do passeio no Reino das Águas Claras, que igualmente havia sido sonhado.



“Que pena! Tudo aquilo não passara de um lindo sonho...” Ilustração de Voltolino.

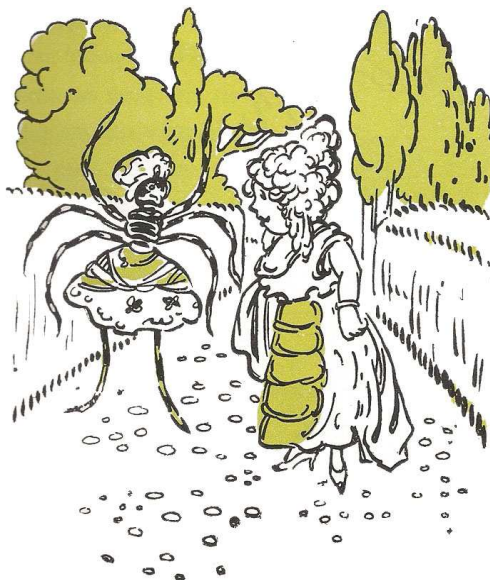
Na versão final do livro, porém, a aventura deixa de ser sonho. O autor parece ter decidido pelo rompimento total com a barreira da realidade. O que antes existia somente no sonho e na imaginação das protagonistas infantis passa a existir para todas as personagens, inclusive as adultas. Essa foi uma das revoluções empreendidas por Lobato em sua literatura para crianças; mas revolução feita aos poucos, por mais contraditória que pareça a afirmação.

E o casamento da menina? Na versão de 1920, Narizinho e o Príncipe Escamado comportam-se como “um casal de namorados”. Esse registro sentimental muda na segunda versão, com os dois passeando pelo reino “como velhos amigos”. Há grande atenuação do que se poderia chamar de “elementos amorosos” na versão final de *Reinações de Narizinho*.

Trechos de *A menina do narizinho arrebitado* em que há cenas românticas foram eliminados por Lobato, como o diálogo transcrito abaixo:

— Vou confessar-te, amiga aranha, o meu grande segredo. Desde hontem que me sinto apaixonada pelo principe... Disse e corou. A Aranha sorriu-se e respondeu:

— E elle muito merece o amor da menina, porque não existe no mundo inteiro principe mais valoroso.



Narizinho confessa paixão pelo Príncipe Escamado à amiga aranha. Ilustração de Voltolino.

A opção de Lobato pela eliminação de componentes sentimentais na caracterização da personagem fica evidente na comparação das cenas seguintes, em que a menina se prepara para um baile na corte do Reino das Águas Claras:

A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO (1920)	REINAÇÕES DE NARIZINHO (1946)
<p>Narizinho nao cabia em si de gosto e mirando-se, ao espelho, duvidava dos próprios olhos.</p> <p>— Serei eu mesma ou uma fada das mil e uma noites?</p> <p>(...) a orchestra rompeu a Valsa Real e o principe, levantando-se, disse à menina:</p> <p>— É chegada a nossa vez. Quer dar-me a honra desta valsa?</p> <p>Narizinho, que não queria outra cousa, desceu do throno e nos braços do principe rodopiou pela sala em gyros tão velzes que mais parecia um pião vivo.</p>	<p>Narizinho vestiu-se, indo ver-se ao espelho.</p> <p>— Que beleza! exclamou, batendo palmas. Estou que nem um céu aberto!</p> <p>E estava mesmo linda. Tão linda no seu vestido de teia cor-de-rosa com estrelinhas de ouro, que até o espelho arregalou os olhos, de espanto. (...)</p> <p>Narizinho e o príncipe dançaram a primeira contra-dança sob os olhares de admiração da assistência. Pelas regras da corte, quando o príncipe dançava todos tinham de manter-se de boca aberta e olhos bem arregalados. Depois começou a grande quadrilha. Foi a parte de que Narizinho gostou mais. Quantas cenas engraçadas!</p>



“- É chegada a nossa vez. Quer dar-me a honra desta valsa?”

Ilustração de Voltolino.

Na edição de 1920, o que a menina mais quer é dançar nos braços do príncipe. Na versão de 1946, “a parte” de que ela mais gosta não é nada romântica: são as cenas engraçadas provocadas pelos animaizinhos da corte, que dançam ao redor. Os esboços de princesa de conto de fadas da “primeira” Narizinho diluem-se a ponto de quase desaparecerem sob as tintas vivas da “Narizinho final”, cristalizada definitivamente como criança.

Descrições de violência presentes em *A menina do narizinho arrebitado* também foram suprimidos. Um capítulo inteiro, intitulado “A enfermaria”, foi extirpado de *Reinações de Narizinho*. Nesse capítulo a menina visita um hospital do Reino das Águas Claras, onde presencia várias mortes de pacientes, inclusive de um “pai-barata”, único sobrevivente de uma chacina feita por uma “rã criminosa”:

Mais adiante, em outra cama, gemia o pae-barata, ferido mortalmente pela rã verde.

— Como vae este freguez? perguntou o principe.

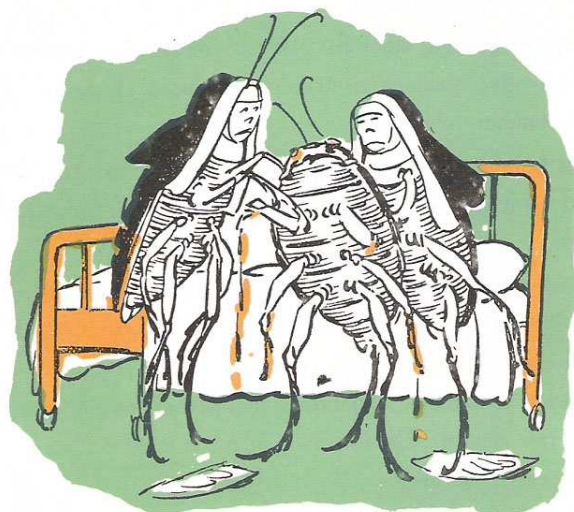
— Muito mal, respondeu Caramujo. Quebrou cinco pernas, rasgou uma asa, e está todo arrebitado por dentro. (...)

O baratão moribundo enguliu a hostia, fez uma careta, engasgou, tossiu e morreu.

— Antes assim, disse o medico. Si sarasse, que triste vida seria a sua, só no mundo, sem mulher, sem filhos...

(...)

Antes de sahir, Narizinho espiou pela janella e viu a rã assassina pendurada pelo pesçoço. Teve dó, mas lembrando-se do pae-barata moribundo, disse consigo: — Bem feito!



O pai-barata no hospital , amparado por “irmãs enfermeiras”.
Ilustração de Voltolino.

Nessa primeira versão há pena de morte, várias chacinas e um vilão assassino, o “Escorpião Negro”, que tenta matar Narizinho com seu “venenoso ferrão”. O príncipe Escamado corre em seu socorro e luta contra o escorpião; está quase sendo morto, quando...

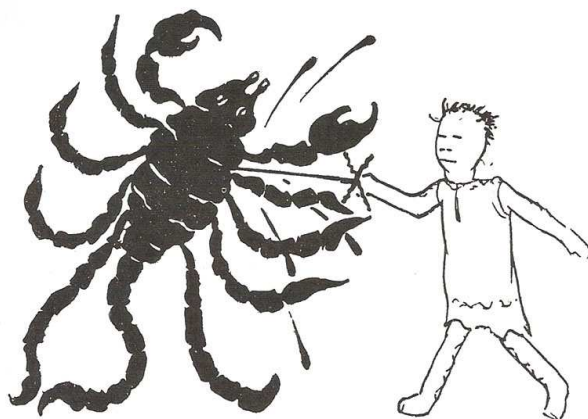
E a lucta terminaria de um modo tragico si um facto assombroso não viesse mudar a situação. E foi que no melhor da batalha surgiu inesperadamente da cozinha uma bruxa de panno, armada de um espeto de assar lombo de porco.

— Emilia!... gritou Narizinho, que desde o caso do sapo, no dia da chegada, esquecera completamente a sua querida boneca.

Emilia, em fraldas de camisa, avançou para o Escorpião e zás! zás! furou-lhe os dois olhos num relance.

Assim, já na versão original, a boneca Emília torna-se uma auxiliar mágica, que salva a heroína Narizinho. Na versão final, o Escorpião Negro desaparece, Emília continua a ser a salvadora, mas a vilã, ironicamente, é a “célebre dona Carochinha das histórias, a baratinha mais famosa do mundo”. Além de eliminar a morte da história, Lobato aproveita para criticar um dos livros mais famosos entre as crianças da época, as *Histórias da*

Carochinha, de Figueiredo Pimentel, publicado em 1896. Afinal, quando a personagem Narizinho passa a lutar contra a dona Carochinha, em lugar do Escorpião Negro, a obra *Reinações de Narizinho* estava “lutando” contra *Histórias da Carochinha* pela preferência do público leitor.



“Emilia, em fraldas de camisa, avançou para o Escorpião e zás! zás! fura-lhe os dois olhos num relance.” Ilustração de Voltolino.

As opiniões do público leitor, por sinal, podem ter contribuído para que alguns trechos da primeira edição da história fossem suprimidos. No artigo “A propósito de um livro”²², publicado provavelmente em 1924, Manoel E. Altenfender Silva comemora o fato de Lobato ter “expurgado de todas as frases, de todas as gravuras, de tudo, enfim, que reputamos ofensivo à Religião e à candura infantis”. Silva comenta que, em 12 de março de 1921, publicara crítica ao livro *A menina do narizinho arrebitado*, denunciando que

(...) nas páginas de seu novo livro, o fecundo escritor ridiculariza padres e freiras, e o que é mais grave, blasfema horripelantemente contra o Santíssimo Sacramento, ignorando talvez que atacar a Divina Eucaristia é tocar nas fibras mais sensíveis dos corações católicos. Não encontrará o autor outra maneira de se tornar interessante e original às crianças? Ou estará s. senhoria injuriando a Religião irrefletidamente, sem malícia? (...) Se o sr. Monteiro Lobato quiser dar uma prova aos seus compatriotas de que não quis melindrar os seus sentimentos católicos,

²² O artigo encontra-se colado na página 31 do Álbum número 1 de Pureza Monteiro Lobato, mulher do escritor. Ela costumava recortar notícias sobre Lobato e guardá-las em álbuns. Infelizmente, a data e o título do jornal onde o artigo foi estampado não foram anotados. O álbum faz parte do acervo da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, de São Paulo (SP). Reprodução do artigo pode ser vista no anexo 4, no apêndice ao final deste artigo.

substitua, em futuras edições, as páginas em questão, por outras mais dignas de sua brilhante pena (...).”.

Três anos depois, segundo informação do próprio articulista, ele voltava a abordar o assunto para comemorar as mudanças feitas por Lobato na segunda edição da obra, da qual haviam sido excluídas as “máculas” apontadas:

O sr. Monteiro Lobato refletiu. E, refletindo, compreendeu que o nosso protesto era sincero e representava o sentir de 30 milhões de católicos, que não podiam deixar de lhe condenar o livro. Era a quase totalidade dos brasileiros, que falavam pela nossa pena, embora obscura e inculta. E o sr. Monteiro Lobato louvavelmente atendeu a nossa sugestão. Fez, em 1922, um ano depois do nosso escrito, a 2ª edição do seu livro em forma de álbum. E quão diferente da anterior!

O artigo termina com Silva lamentando o fato de Lobato ainda não ter expurgado as mesmas passagens da edição escolar *Narizinho Arrebitado*, mas afirmando ter “certeza” de que o escritor em breve realizaria as modificações necessárias. A “ridicularização” de padres e freiras e a blasfêmia contra o “Santíssimo Sacramento” a que Silva se referem talvez ocorram na cena em que Narizinho visita, no hospital, o “baratão” cuja família fora chacinada por uma rã. O príncipe indaga ao médico se o doente já havia se confessado, ao que o Dr. Caramujo responde afirmativamente, dizendo que o “Frei Louva-a-Deos” vinha chegando com os sacramentos para o paciente comungar. Acompanhava o frei um “mosquito coroinha”:

Era tão triste a cena que Narizinho sentiu vontade de chorar. O frade animou o doente, falou da beleza do céu e ofereceu-lhe a hostia sagrada: uma escamazinha de peixe. Nem podia sentar-se na cama, o pobre. Foi preciso que as irmãs enfermeiras o erguessem pelos ombros e ficassem ali a sustel-o. O baratão moribundo enguliu a hostia, fez uma careta, engasgou, tossiu e morreu.



“(…) eis que entra Frei Louva-a-Deos, acompanhado dum mosquito coroinha”.
Ilustração de Voltolino.

Teria Lobato realmente cortado a cena para agradar a possíveis leitores católicos, supostamente escandalizados com ela? Parece que sim, ao que indica carta de Lourenço Filho a Lobato, de junho de 1922. Na época, o educador era diretor da Instrução no Ceará, e trabalhava para que *Narizinho Arrebitado* (1921), versão escolar do álbum *A menina do narizinho arrebitado* (1920), fosse adotado na rede pública do estado. Na carta, Lourenço Filho informa a Lobato como havia conseguido a adoção de *Narizinho* e de um livro de Sampaio Dória²³, editado pela Monteiro Lobato & Cia. :

(...) A esta hora já terá recebido o jornal com a nota oficial da aprovação e adoção dos seus livros, bem como do Dr. Doria.

E veja como V. é ingrato: o único embaraço na minha ação, aqui, foi exatamente o resultado da aprovação de *Narizinho arrebitado*. O clero me moveu tremenda guerra, sob o pretexto de que a adoção do livro visava ridicularizar a sagrada religião católica. Foi preciso, para manter a aprovação, que eu inventasse haver uma 2ª edição, sem os inconvenientes da primeira.

Lembra-se V. de que lhe falei sobre aquele tópico dos freis com os sacramentos etc. Esse tópico, aí mesmo, ofendeu a muitos professores. V. só terá vantagens em suprimi-lo, quando reeditar o livro. (...) ²⁴

²³ Dória teve publicados por Monteiro Lobato os livros *Como se aprende a língua* (curso complementar e curso médio) e *Como se ensina*.

²⁴ Carta de Manuel Bergstrom Lourenço Filho a Monteiro Lobato. Localização: MLb 3.2.00284cx6.

A carta sugere que, para garantir a venda do livro no Ceará, Lobato teria de suprimir as cenas consideradas ofensivas à Igreja e aos leitores católicos, supressão “inventada” por Lourenço Filho para que o uso do livro fosse aprovado. O parecer favorável à adoção de *Narizinho arrebitado*, desde que em edição “desagravada”, aparentemente foi conferido por Antônio Sales²⁵, romancista que era o representante da editora de Lobato no Ceará.

A descoberta da modificação operada em *A menina do narizinho arrebitado* e em *Narizinho arrebitado*, devido a reclamações de leitores e do clero, é recente, e afigura-se como apenas *um* exemplo de como se conhece pouco o modo como Lobato desenvolveu sua obra infantil. O quanto aspectos religiosos, políticos, econômicos, para mencionar apenas alguns, teriam influenciado a criação de obras como *Narizinho arrebitado*? As pesquisas relacionadas à construção da obra lobateana para crianças estão ainda começando; muitas descobertas estão por ser feitas, muitas hipóteses por ser construídas.

O exame de anotações do escritor, presentes em algumas de suas primeiras edições, pode ser de grande auxílio para a melhor compreensão de sua obra. Também serão de enorme utilidade as pesquisas que enfoquem, na correspondência de Lobato, aspectos relacionados à sua produção literária²⁶. O fundador da moderna literatura infantil brasileira ainda tem muito o que ensinar sobre a construção de livros para crianças.

²⁵ Em carta sem data, Lobato escreve: “Parece-me que o Ceará adoptou os meus livros. Houve objeções contra o Nariz. Que é ‘offensivo à igreja’ (!!!!) mas esperam 2ª edições “desagravadas”. Não sabia que era V. quem dera parecer favoravel. Obrigado por mais isso, meu caro amigo. Mande o artigo para a Revista e escolha no catalogo os livros que o interessam que te não custarão nada”. Coleção Antônio Sales. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Fundação Casa de Rui Barbosa. Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 30. As ações de homens de letras como Antonio Salles e Lourenço Filho, no sentido de ampliar a rede de vendas e de distribuição dos livros das editoras de Monteiro Lobato, são estudadas em minha tese de doutorado, citada acima

²⁶ Emerson Tin está terminando sua tese de doutorado, que tem o título provisório de *O "Lobato das cartas": leitura e análise da epistolografia lobatiana*. A tese está em andamento no IEL e é orientada pela profa. Marisa Lajolo.

Bibliografia

AZEVEDO, Carmem Lúcia de; CAMARGOS, Márcia e SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 1997.

AZEVEDO, Carmem Lucia de. O nascimento de Narizinho e do Sítio do Pica-pau-amarelo. In: *Revista Nossa História*, ano I, n. 4, fevereiro de 2004, p. 50-53. Disponível em: <www.nossahistoria.net> Acesso em: 13 jun. 2006.

BIGNOTTO, Cilza. *Personagens infantis da obra para adultos e da obra para crianças de Monteiro Lobato: convergências e divergências*. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária). Orientadora: profa. Marisa Lajolo. Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1999. Disponível em: <www.unicamp.br/iel/memoria> Acesso em: 17 jun. 2007.

BIGNOTTO, Cilza. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Orientadora: profa. Marisa Lajolo. Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2007.

BILAC, Olavo e NETO, Coelho. *Contos Pátrios*. 44ª edição. São Paulo; Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1958.

CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato: Vida e Obra*. 2ª edição. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1956.

Das Kinderbuch in Brasilien = Children's Books in Brazil = O livro para crianças no Brasil. Brasiliana de Frankfurt/ MACHADO, Luiz Raoul, MIRANDA Claudia de, SERRA, Elizabeth d' Angelo (org.). São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1994, p. 45.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias*. São Paulo: Ática, 1984. Das mesmas autoras, conferir *Um Brasil para crianças: Para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*. São Paulo: Global, 1993.

LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2004.

LOBATO, Monteiro. D'Après Nature. In: *Revista Educação*. São Paulo, n.º 3, 1903.p.2-4.

LOBATO, Monteiro. *A menina do narizinho arrebitado*. Fac-símile da 1ª edição. São Paulo: Metal Leve/Forma Composições Gráficas Ltda, 1982.

LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1977.

MARTINS, Milena Ribeiro. *Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos*. Tese (Doutorado em História e Teoria Literária). Orientadora: profa. Marisa Lajolo. Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2003. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria>> Acesso em: 14 jun. 2007.

ROCHA, Jaqueline Negrini. *De caçada as caçadas : o processo de re-escritura lobatiano de Caçadas de Pedrinho a partir de A Caçada da Onça*. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária). Orientadora: profa. Marisa Lajolo. Insituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp, 2006.

Apêndice

Anexo 1

D'Après Nature – Monteiro Lobato

A manhã estava magnífica no seu véu de frescura e de aromas subtis. A luz ainda frouxa do sol se enrodilhava aos gorgolões pelos montes num beijo demorado às ervas e às flores. O ribeirão calmo e sereno desdobrava o lençol d'aguas escuras num marulho quieto, macio, em surdina, e no ceo, nuvensitas brancas como pedaços de algodão adejavam ora esgaçadas, ora sumidas no imenso azul, forte e metálico. Lilli já havia puladoda cama onde a fôra acordar um raio de sol coado atra-véz d'uma frincha da persiana. Veio correndo até á porta, possuída pela alegria de viver que todas as coisas exudavam fartamente, e ahi, fitando no azul do infinito o azul dos seus olhinhos rutilantes de vida, sentiu um desejo immensode correr pelos campos, encharcando os pésitos no orvalho, machucando entre os dedos as flores do caminho e, sobretudo, de despedir sobre o bando de passarinhos que grazinavam em todos os recantos umas pelotadas com o seu terrível bodoque. Tomou a arma de traz da porta, chamou pela pagem e sahiu bodocando as gallinhas que encontrava, enquanto a criadinha ia ajuntando pedregulhos.

A villa já acordára havia bastante tempo e só os reurdatrios preguiçosos é que de enxada aos até hombros e beiços ainda humidos do café com farinha, se iam apressados ao serviço das roças.

Lilli em breve atravessou a unica ruela da villa e, tomando por um carreiro de terra vermelha e calva pelo contínuo pisar das mulheres que iam buscar agua na biquinha do pasto, trepou o barranco que dava acesso ao morro, ao seu, querido morro cheio de cupins e tico-ticos.

– Sinházinha se molha toda hoje, interveio a criadinha vendo o amor pressuroso com que o orvalho deixava as florespelas perninhas roliça da menina.

– Que é que tem? Até é bom, higienico - e vendo uma corruilla bicando açodadamente uma pobre larva ; – psiu ! psiu ! uma pedra, depressa, depressa!

E arrumando cuidadosamente no bodoque um pedregulho graúdo, avançou mais alguns passos devagarinho, meio agachada, pisando sem fazer barulho. A cinco passos da avezinha parou e esticando a corda até ao maximo.

Plaf! fez a pedra dando num capão a dois palmos do alvo,

– Matei, matei ! gritou, e correndo atirou-se para a macega na certeza da caçada.

– Xé, sinházinha! lá está ella naquelle galho secco – chasqueou a outra apontando a patativa muito assustada a olhá-la, do alto de uma arvore.

– Mas quasi, não? – disse Lilli examinando o logar – venha ver, até cortou um galhinho de matto, olhe aqui! -- e mostrava radiante um galhito decepado pelo projetil – si acertasse, nao?

Continuaram a caminhada ; ora seguiam o trilho feito pelos animaes que ali pastavam, ora se mettiã por entre as moitas de rabo de burro, arrancando as hervas mais viçosas na sede de destruição, peculiar ás crianças. Já estavam bem longe da villa que lhes apparecia em baixo como uma colcha de retalhos brancos e escuros.

Subito Lilli ouve um lamento afastado, lugubrememente dolorido. O seu coração – germen dum coração de mulher – bateu apressado, e ella, assustadinha, parou a mão em concha no ouvido.

– Que será? – e distinguindo uma choupana distante, escondida num massiço de verdura – é la com certeza, naquella casinha! Vamos ver o que é?

– Não, sinhazinha, que é isso! pode ser alguma cousa!

– Boba! o que é que ha de ser ? e correndo dirigiu se para a casinha sem dar ouvidos ás palavras da companheira medrosa que a seguia resabiada e ele longe.

Em breve chegou. A casa era um rancho de sapé e barrotes no meio d'um terreiro nú. Lilli entrou: da porta viu estendido num estrada, em horríveis convulsões, um rapazinho pallido e esfrangalhado, junto á sua mate, uma velhota enrugada e macilenta.

Ao ver surgir em sua casa de repente, como aparição fantástica, uma criaturinha tão linda, tão bem vestida, tão distinta de maneiras, a olhá los com uma expressão infantil de espanto e bondade curiosa, a pobre mulher, só acostumada a ver portas a dentro a cabra e as galinhas, arregalou os olhos lacrimosos, cheios de surpresa e de esperança. O doentinho também olhou para a menina, vendo nella o imprevisto salvador.

Lilli em breve se poz ao corrente do suc edido. O menino, filho unico d'aquella pobre mulhier, havia já dias gemia naquelle estrado, sem remedios, sem recursos.

– E' o meu unico arrimo – soluçava a mísera – elle trabalha para me sustentar; já perdi tudo, pae, mãe, marido ; só me resta no mundo esta criança e esta mesma quer me deixar – e os soluços rebentavam impetuosos d'aquelle peito rude em que vicejava cheio de vigor e majestade o sublime amor de mãe. Lilli sentiu humedecerem-se-lhe os olhos e, pelos symptomas da doença contados pela velha, teve uma inspiração : era nó nas tripas a doença.

Em casa sempre lhe diziam que não comesse isto, não comesse aquillo, e quando ella inquiria a razão, respondiam-lhe : É por que dá nó nas tripas. Assim, pelo prosaísmo do nome, ficou essa molestia gravada em sua memoria de criança intelligente; e agora, ali, diante dos estertores do pobrezinho, a primeira causa que lhe acudiu ao espírito foi que o menino tinha nó nas tripas.

– Eu já venhio, vou buscar remédio para elle – e antes de mais nada, sem escutar as palavras agradecidas da boa mãe, Lilli voou pelo morro abaixo como um furacãozinho em risco de mil trambolhões.

Nada a embarçava ; nem os capins que rodeava, nem as moitas que galgava, nem os buracos que saltava ; ia dominada peia idéa de salvar a criança. Chegou em casa exausta, rubra como a papoula, o suor em camarinhas, radiante de alegria de belleza.

– Mamãe, mamãe! um remedio para o menino ! depressa! Nó nas tripas! – e corre d'aqui, corre d'alli pondo a casa numa dobadura, procurando um remedio enquanto explicava o incidente por meias palavras, consegue afinal fazer-se entender. Dao-lhe oleo de rícino. Pô-lo numa chicara, cobri-lo com um papel e voar para a casa do doentinho, foi coisa de um instante.

Custou-lhe bastante lá chegar, atrapalhada com a chicara e caçada como estava. Mas afinal rompeu casa a dentro num ímpeto de conquistador. Ahí, ajudada pela velha que já não chorava, Lilli fez o doente engulir o remedio que iria desatar o malfadado nó. E para animar a pobre: Eu aposto que elle amanhã está bom! Foi o que aconteceu. No dia seguinte, quando Lilli voltou, o nó se tinha desdado; a mãe radiante, banhada em lagrimas, recebeu a joven salvadora do seu filho com um abraço e um beijo desses que resumem mundos de gratidão e de ternura.

LOBATO, Monteiro. D'Après Nature. In: Revista *Educação*. São Paulo, n.º 3, 1903.p.2-4.

Anexo 2

As seis decepções – Monteiro Lobato

Puzeram-se a rumo da cidade os tres irmãozinhos. Moravam longe, na chacara; mas uma meia hora de estrada barrenta, empoçada d'agua grossa, cor de cafe com leite, que ladeavam pela beirinha na ponta dos pés, e um tijuco meio molle, meio duro, empelotado pela pata dos bois, eram fracos empecilhos á delícia semanal de “ir á cidade”. A cidade vivia-lhes no espirito como alvo de todos os desejos e fim supremo de suas vidinhas trefegas. Lá moravam os parentes, a tia Salomé, as Françaes, os amigalhotos; era lá a igreja, a quitanda, o circo de cavallinhos, “a gente”...

Após a reclusão de uma semana no *ermo* da chacara, se gozar um domingo na cidade, fincar os cotovellos nas janellas da titia e perder toda uma tarde bem comprida a vêr e commentar a rua, com as repinicasdas “boas-tardes” aos conhecidos, “reparar” no vestido das moças, achar “impagavel” a barriga monstruosa do Canella, vendeiro da esquina, e outras innocentes maldades mais – eram um prazer de sapatear; mas para a Maria José e Das Dôres somente, que o terceiro, o Antonico, depois que deitara calças compridas só pensava em bilhares e “troças de rapaz”.

Naquelle dia iam com licença de se reunirem ás Françaes e pousar lá. Caminhavam silenciosos, signal evidente de desaccordo, que gralhavam como colleirinhos quando ardiavam na ancia de realizar um mesmo projecto. Cada um suspeitava ao outro um objectivo que não o seu – qual não sabia, mas differente e antagonico; e isso era o diabo, pois em birra nunca houve irmãos de forças tão iguaes. Nenhum cederia – e nestes casos o usual era todos se privarem da festa para “não dar o gosto” ao parceiro.

A verdade era esta: Maisé tramára no ultimo domingo uma ida á dançata semanal do Recreativo, Antonico aos cavallinhos e das Dôres aos presepes; e como cada qual contava reduzir os outros á sua idéa, cuidadosamente a calara durante a semana inteira. Mas breve ia-se travar a lucta e cada cabecinha ia ruminando a melhor tactica de vencer.

Aquelle silencio em que se escondiam era a pedra onde afiavam as armas, razão por que vieram mudos até meio caminho. Ahi a necessidade de uma explicação definitiva desatou a lingua ao mais impaciente dos tres.

Das Dôres com habil manha, quebrou o gelo:

- Os presepes este anno dizem que estão lindos! O da Nhaninha Calabré é todo de botões e conchas. O da Fidencia tem tres monjolos que não param.

Tonico, percebendo o truque contraveio despotico.

- Isso é se fossemos aos presepes. Vamos mas é ao circo.

- Sem licença de mamãe, Tonico? Que é isso!?... insinuou Maisé, entricheirando-se para o embate.

Antonico bravateou:

- Qual mamãe! quem manda aqui sou eu e como eu vou, vão vocês tambem.

- Vocês é sucia, que eu não vou.

- Nem eu, secundou Maisé.

- Veremos.

Calaram-se de novo. A questão clareara em parte. Só Maisé conservava occulta a sua ideia, fiada na victoria dos *lercias*. Uns minutos passados, das Dôres atirou novo bote:

- Escavallinho! – disse com um bico de desprezo – uma coisa que há sempre; presepe, ao menos, há uma só vez ao anno.

- Mas é sempre a mesma bobagem, obtemperou Tonico, quem viu um, viu todos. Uma folharada de matto. Para ver matto não se precisa vir á cidade. Escavallinho sim; companhia boa: só o homem que come fogo...

- Das Dôres charqueou uma risada de escarneo.

- Olha o bobo que acredita nessas coisas, tamanho homem! Aquillo é fogo de mentira que até eu como!

Maisé veio em seu auxilio com argumentos novos.

- Escavalinho é divertimento de gentinha, negrada, moleques. Mas Tónico esbravejou que era mentira, que lá ia muita gente bôa, a família do Dr. Moura não perdia uma noite, e quanto ao homem que comia fogo, comia-o de verdade, ellas é que eram umas bobas.

Houve nova pausa. Avistavam já a torre da matriz. Mais cinco minutos e estariam em casa das Françaes. Urgia, portanto, liquidar a divergencia. Maisé julgou azado jogar a sua cartada:

- Pois há um meio de remediar tudo, em vez de ir a presepes ou ao circo, vamos ao baile do Recreativo.

Os outros perceberam incontinenti o manejo e Tónico rompeu:

- A lambeta! quer sapecar com o Zézé, não é? Uma óva!

E, categorico, escandindo as palavras:

- Eu vim pa-ra ir ao cir-co.

- E eu pa-ra ver pre-se-pes.

- E eu pa-ra o sa-rau. Se vocês não querem ir ao sarau eu volto d'aqui.

- Maisé parou firme e imperiosa. Pararam os tres. Entreolharam-se com olhos raivosos.

- Se não se resolvem a ir ao circo eu...

- Eu que?

- Eu volto pra casa.

- Pois tambem eu volto, pois vim para ver presepes e não molecadas...

- Você é uma serigaita.

- E você é um ranhento que quer ser gente.

Embezerraram. Tónico na frente endireitou a largos passos para a chacara.

As irmãs seguiram-no. Preferiram privar-se da antegosada festa a ceder um palmo de terreno.

Porque?

Ah! o caso não era tão simples como parecia. Atraz de cada uma daquellas vontadezinhas irreductiveis se alapavam motivos muito serios. Um Lúlú esperava das Dores no presepe da Calabró. Um Zézé combinara dançar cinco valsas com Maisé no Recreativo. E uma Chiquita mandara ao Tónico um bilhetinho dizendo que iam todos de sua casa ao "circulo de excavalinhos" onde o esperava encontrar sob pena de "namorar outro porque é muito difícel amar gente que abita longe".

Eis porque, nesse dia, as decepções attingiram ao numero de seis...

BRUMA, Helio. As seis decepções. In: *Revista Vida Moderna*. São Paulo, nº 274, 1915.

Anexo 3

O “Rato” – Coelho Neto

Vivia de esmolas num estreito e úmido quarto de estalagem, onde mal cabiam os móveis: a cama onde jazia prostrada pela moléstia, uma pequena mesa, duas velhas cadeiras e uma arca. Acompanhava-a o filho, um rapazola de nove anos. sadio e robusto, de uma tal viveza que todos na estalagem não o conheciam senão pela alcunha: o *Rato*.

Era um dos primeiros que acordava e ainda escuro, fazia toda a limpeza do aposento, mudava a água nas bilhas, deixava ao alcance da mão da paralítica a cafeteira e o pão, e saía cantarolando. Saía porque a mãe, julgando-o ainda tenro e fraco para o trabalho e não dispondo de recursos para manter-se, pedira um atestado ao médico que, por misericórdia a tratava, e, entregando-o ao pequeno, dissera: - Vai e fica à porta das igrejas; e aos que passarem mostra êsse papel e pede uma esmola para tua mãe.

O pequeno saiu, e, à noite, tornando à casa com algumas moedas, entregou-as à mãe: mas, no mesmo momento, rompeu em pranto, atirando-se, soluçante, sobre a velha arca.

A paralítica, atribuindo a angústia da criança à escassa quantia que trouxera, procurou palavras de consolo: - Não chores, meu filho. Hás de ser mais feliz amanhã; o que trouxeste basta para passarmos o dia. Deus será por nós. Não chores.

O pequeno, porém, longe de consolar-se, afligiu-se ainda mais; e, à noite, a paralítica que velava ouviu ainda durante algum tempo os soluços do filho. De manhã, poré, cedo, como de costume, levantou-se, e, depois do serviço, foi beijar a mão à velha enfêrma, e partiu.

Era tarde, quase dez horas da noite, quando o *Rato* apareceu na estalagem cantarolando. A mãe, que passara o dia cheia de cuidados, mal o viu entrar falou com certa severidade:

- Ah! meu filho, a que horas vens?

Muito deves ter esmolado para que só às dez da noite voltes à casa!

O Ralo, porém, risonho, beijou a mão da enferma, e logo, metendo as mãos nos bolsos, pôs-se a tirar moedas e notas atirando tudo para cima da cama. A paralítica, sorrindo, disse;

- Então, bem te disse eu que hoje havias de ser mais feliz, meu filho...

- Sim, minha mãe, fui muito mais feliz, principalmente porque ninguém me injuriou.

- Como! pois houve alguém que te injuriasse, filho?

- Sim, minha mãe, ontem. Como a senhora me havia ordenado, fui ficar a porta da igreja. Quando cheguei, já, havia lá muita pobres. Uns cegos, outros alejados: meti-me entre eles e logo começaram as injúrias, porque eu era uma criança sadia e forte que ia para ali vadiar, quando podia estar empregando o meu tempo em alguma coisa útil. Uns mandavam-me para a escola, outros para a oficina; e, se aparecia alguém, vendo-me avançar com o papel na mão para pedir, empurravam-me, davam-me beliscões, e um atirou-me uma bordoadá às pernas com a muleta.

“Tudo isso, porém, fazia-me rir; o que me fez chorar foi o que me disse um velho que le vava um pequeno pela mão, um pequeno do meu tamanho.

-“Quando eu lhe pedi a esmola, ele olhou-me'carrancudo, meteu os dedos no bolso do colete, tirou um níquel e ficou algum tempo o olhar-me; depois vagorosamente guardou a moeda e, puxando o menino, disse baixinho: - Verás, vai daqui direito para a taverna... -- O pequeno, mamãe, olhou-me de tal modo, que eu senti o sangue subir-me ao rosto e as lágrimas saltarem-me dos olhos. Vendo-me chorar, o pequeno teve pena de mim e falou ao pai. Pararam e eu enxugava os olhos, quando ouvi a voz menino: - Toma! - Olhei, e vi que ele estendia a moeda. Estive para recusar, mas olhava-me com tanta meiguice que não tive ânimo. Recebi-a, agradei e guardei-a. Logo, porém, que os vi entrar na igreja, tirei-a do bolso e dei-a a um velho cego que estava sentado perto de mim e descí. Descí os degraus, disposto a voltar para casa, mamãe, mas lembrei-me de ti, lembrei-me de que nada havia em casa e pensei em pedir trabalho em algum lugar...

"Foi então que encontrei o Vicente com um maço de jornais. Pedi-lhe alguns e, fazendo como ele, fui vendendo, e com tanta facilidade, que não me sobrou um só. Ele, então, ficou de arranjar-me maior quantidade para hoje e não mentiu.

"Passei o dia todo vendendo jornais, primeiro os da manhã, depois os da tarde; e à noite o Vicente convidou-me para acompanhá-lo até à porta do Liceu, onde aprende, e onde eu quero que mamãe me faça entrar, para que eu não ande a pedir aos outros que me ensinem a apregoar as notícias dos jornais. Hoje ganhei mais do que ontem: e estou contente, mamãe, porque ninguém me tomou por vadio.

"Quando eu for mais forte, irei para uma fábrica, e tu não terás necessidades, nem ninguém me falará mais com o desprezo com que me falou o velho que me julgou tão mal..."

A paralítica, com os olhos rasos d'água, tomou a cabecinha loura do filho junto ao colo, e, beijando-a, disse comovidamente:

- Fizeste bem, meu filho; fizeste bem: a humilhação é a pior das afrontas. Fizeste bem, meu filho, e eu te abençôo.

NETO, Coelho. *O "Rato"*. In: BILAC, Olavo e NETO, Coelho. **Contos Pátrios**. 44ª edição. São Paulo; Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1958. p. 43-47. A primeira edição é de 1904.

Anexo 4

A propósito de um livro

SOB o título supra, publicámos nesta revista, no numero de 12 de Março de 1921, ha tres annos, portanto, um artigo de critica ao livro «A menina do narizinho arrebitado», da lavra do notavel escriptor patricio, Sr. Monteiro Lobato.

Assim iniciámos esse nosso desvalioso escripto: «Acaba o illustre homem de letras, Sr. Monteiro Lobato, de publicar mais um livro, dedicando-o, desta vez, ás creanças.

«Embora ainda não possamos formar um juizo seguro sobre as intenções do laureado escriptor, parece-nos que s. senhoria tem prazer em atacar a Religião...

«... Agora, nas paginas do seu novo livro, o fecundo escriptor ridiculariza padres e freiras, e o que é ainda mais grave, blasphema horriavelmente contra o Santissimo Sacramento, ignorando talvez, que atacar a Divina Eucharistia é tocar nas fibras mais sensiveis dos corações catholicos».

«Não encontrará o auctor outra maneira de se tornar original e interessante ás creanças? Ou estará s. senhoria injuriando a Religião irreflectidamente, sem malicia?

«Seja como fór, o facto é que o seu livro merece reparos. Escripto propositalmente para creanças, não deve absolutamente conter paginas offensivas aos seus sentimentos religiosos e aos de seus paes».

Num dos periodos finais, dissemos: «Si o Sr. Monteiro Lobato quizer dar uma prova

aos seus compatriotas de que não teve intenção de melindrar os seus sentimentos catholicos, substitua, em futuras edições, as paginas em questão, por outras mais dignas da sua brilhante penna...»

O Sr. Monteiro Lobato reflectiu. E reflectindo, comprehendeu que o nosso protesto era sincero e representava o sentir de trinta milhões de catholicos, que não podiam deixar de lhe condemnar o livro.

Era a quasi totalidade dos brasileiros, que falavam pela nossa penna, embóra obscura e inculta.

E o Sr. Monteiro Lobato louvavelmente atendeu á nossa suggestão. Fez, em 1922, um anno depois do nosso escripto, a 2.a edição do seu livro em fórma de album. E quão differente da anterior!

O mesmo livro, o mesmo assumpto, mas radicalmente expurgado de todas as phrases, de todas as gravuras, de tudo, enfim, que reputámos offensivo á Religião e á candura das almas infantis.

A' s. senhoria, pois, os nossos louvores e calorosos applausos pelo seu gesto nobre, patriotico e gentilissimo.

Infelizmente, o sr. Monteiro Lobato ainda não fez a 2.a edição do «Narizinho arrebitado» (livro escolar) que contém as mesmas paginas condemnaveis da «Menina do narizinho arrebitado». (1.a edição em fórma de album).

Estamos certos que em breve virá a 2.a edição, expurgada das maculas que apontámos, como tanto almejamos.

O Sr. Monteiro Lobato, não tem, como nós, a ventura de crer; ainda não possui o dom preciosissimo da Fé; por isso, terminando estas ligeiras notas, fazemos votos para que, illuminada a sua robusta intelligencia pelos clarões da Verdade, possa um dia amar a Deus com todo o entendimento, de todo o coração, com toda a alma, como os genios de São Paulo, São Justino e Santo Agostinho, e, modernamente, os grandes convertidos Luiz Veuillot, Huysmans, Brunetière, Bourget, Oliveira Martins, Papini, Guerra Junqueiro e tantos outros.

MANOEL E. ALTENFELDER SILVA

Artigo “A propósito de um livro”, de Manoel E. Altenfender Silva, publicado provavelmente em 1924. Álbum nº 1 de D. Purezinha, esposa de Monteiro Lobato. Acervo da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato – São Paulo (SP).

